



Questões de responsabilidade enunciativa e autoria em texto acadêmico produzido com auxílio do ChatGPT

Questions of enunciative responsibility and authorship in an academic text produced with the help of ChatGPT

Rosângela Alves dos Santos BERNADINO*

Zailton Pinheiro GUERRA**

RESUMO: Este trabalho propõe o estudo da responsabilidade enunciativa a partir da análise de um texto acadêmico produzido com auxílio do ChatGPT, buscando problematizar a atribuição da autoria nesse contexto de interação humana com uma ferramenta de Inteligência Artificial. A metodologia envolve a realização de um experimento com o ChatGPT, sendo o *corpus* um recorte da pesquisa em andamento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na edição 2024-2025. O trabalho segue uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, e se volta para o plano ou nível enunciativo da análise textual, conforme propõe Adam (2011). Teoricamente, fundamenta-se na Análise Textual dos Discursos, em diálogo com pressupostos do Círculo de Bakhtin e da abordagem enunciativo-pragmática do ponto de vista. Como resultados, demonstramos que o ChatGPT insere as vozes alheias na materialidade do texto, indicando a imputação de pontos de vista (PDV), mas também emite certa posição “crítica”, conforme os comandos fornecidos. As marcas linguísticas expressivas de imputação foram os marcadores de mediativo, tais como “conforme”, “segundo”, “como”, e os tipos de representação da fala, discurso direto e discurso indireto. Já o engajamento enunciativo foi sinalizado por meio de expressões modais, em que se observa um tom apreciativo, elogioso. Quanto aos elementos estilístico-composicionais do texto, destacamos o uso de estruturas sintáticas, fraseológicas e escolhas lexicais “engessadas” que parecem constituir um padrão mecânico de escrita. Os dados colocam em debate a autoria, já que não se expressa no texto a figura de um autor enquanto sujeito na origem de um PDV próprio.

PALAVRAS-CHAVE: Pontos de vista alheios. Responsabilidade enunciativa. Autoria. Inteligência Artificial. ChatGPT.

ABSTRACT: This paper proposes the study of enunciative responsibility based on the analysis of an academic text produced with the help of ChatGPT, seeking to problematize the attribution of authorship in this context of human interaction with an Artificial Intelligence tool. The methodology involves carrying out an experiment with ChatGPT, with the corpus being a cross-section of ongoing research in the Institutional Scientific Initiation Scholarship Program (PIBIC), in the 2024-2025 edition. The work follows a qualitative, descriptive-interpretive approach and focuses on the enunciative level of textual analysis, as proposed by

* Doutora pela UFRN. Docente na UERN. rosangelabernardino@uern.br

**Doutorando em Letras no PPGL/UERN, Campus de Pau dos Ferros. zailtonguerra@alu.uer.br

Adam (2011). Theoretically, it is based on Textual Discourse Analysis, in dialog with the assumptions of the Bakhtin Circle and the enunciative-pragmatic point of view approach. The results show that ChatGPT inserts the voices of others into the materiality of the text, indicating the imputation of points of view (POS), but also emits a certain “critical” position, according to the commands provided. The expressive linguistic marks of imputation were the mediative markers, such as “according to”, “as”, “such as”, and the types of speech representation, direct and indirect speech. Enunciative engagement was signaled through modal expressions, in which an appreciative, complimentary tone was observed. As for the stylistic-compositional elements of the text, we highlight the use of syntactic structures, phrasing and “plastered” lexical choices that seem to constitute a mechanical pattern of writing. The data calls into question authorship, since the text does not express the figure of an author as a subject at the origin of their own POS.

KEYWORDS: Other people’s points of view. Enunciative responsibility. Authorship. Artificial intelligence. ChatGPT.

Artigo recebido em: 23.07.2024

Artigo aprovado em: 15.08.2024

1 Introdução

Não é de hoje que a escrita científica ocupa a atenção de pesquisadores da área de Letras e de muitas outras, dada a sua inquestionável relevância para a divulgação de resultados de pesquisas e o avanço do conhecimento. Entre os temas de interesse, podemos destacar a reformulação parafrástica do dizer alheio, a responsabilidade enunciativa, as formas de discurso citado, autoria, plágio e ética científica.

Com a crescente utilização de tecnologias, como a Inteligência Artificial (IA) Generativa, na produção de textos acadêmicos, essa demanda de temas ligados ao diálogo com o discurso alheio ganha ainda mais destaque. Nesse contexto, destaca-se a problemática no plágio, que pode decorrer do uso indiscriminado de ferramentas de IA. Como exemplo, citamos o ChatGPT, que consiste numa tecnologia permeada pela subjetividade humana (Kaufman, 2022), cujo uso não deve substituir o pesquisador, mas pode servir de parceria no fazer científico. Isso tem se tornado uma das maiores preocupações de docentes e educadores em todos os níveis de ensino (Fundamental, Médio e Superior). Nesse sentido, no contexto acadêmico em específico, cabe a realização de pesquisas sobre a escrita científica auxiliada pela IA, considerados seus

impactos na produção e qualidade dos textos, conforme mostra Gonçalves e Coitinho (2023).

Sabendo que a elaboração de textos acadêmicos pressupõe o diálogo com outras vozes do campo científico, e que “no discurso reportado, o escritor indica que resume, reformula ou cita o discurso do outro” (Boch; Grossman, 2002, p. 100), assumimos como objetivo geral deste trabalho estudar a responsabilidade enunciativa a partir da análise de um texto acadêmico produzido com auxílio do ChatGPT, buscando problematizar a atribuição da autoria nesse contexto de interação humana com uma ferramenta de IA.

De modo mais específico, pretendemos: 1) verificar como o ChatGPT insere as vozes alheias na materialidade do texto, a partir de comandos relacionados à produção da seção teórica de um artigo científico; 2) identificar e descrever as marcas linguísticas sinalizadoras da responsabilidade enunciativa; 3) analisar as peculiaridades estilístico-composicionais do texto gerado pela ferramenta de IA, observando como elas se relacionam com o gênero do discurso em questão e como sinalizam o ponto de vista de um sujeito-enunciador.

Para isso, foi realizado um experimento de interação com o ChatGPT, conforme demonstrado na seção de metodologia a seguir, em que se obteve o auxílio na elaboração da seção teórica de um artigo científico. A amostra de texto analisada no artigo é parte do *corpus* de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), aprovado na edição 2024-2025, na universidade pública onde atuamos.

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se pela relevância social e acadêmica do tema, uma vez que podemos compreender, a fundo, os reais impactos da IA, representada pelo ChatGPT, na produção e qualidade dos textos acadêmicos. Além disso, torna-se crucial conhecer os limites éticos e legais do uso dessa tecnologia, garantindo práticas transparentes e responsáveis.

A presente pesquisa se ancora no quadro teórico da Análise Textual dos Discursos (ATD), com base em Adam (2011), e na teoria do ponto de vista por Rabatel (2010, 2016a, 2016b), estabelecendo interface com postulações de Bakhtin e do Círculo (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2013, 2016), a partir de conceitos como enunciado, autoria e posicionamento valorativo/axiológico. Entendemos que esse aparato teórico pode desempenhar um papel relevante no estudo da produção social de sentidos decorrente das interações humanas com as ferramentas de IA.

Nas seções a seguir, apresentamos a síntese dos conceitos e postulados teóricos norteadores do trabalho, as informações metodológicas da pesquisa, a análise dos dados e a síntese dos principais resultados, com nossas considerações interpretativas.

2 Pressupostos teóricos

Adam (2011) define a Análise Textual dos Discursos (ATD) como “uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (Adam, 2011, p. 23). Segundo ele, a ATD surge a partir da necessidade de uma articulação entre texto e discurso, buscando a aproximação entre as áreas da Linguística Textual (LT) e da Análise do Discurso (AD).

Constituindo-se como uma abordagem teórico-descritiva, pertencente à LT e situada como um subdomínio do campo mais amplo da AD, a ATD caracteriza-se por ser “decididamente eclética” (Adam, 2011, p. 24). Trata-se, assim, de uma **teoria de conjunto**, pela sua capacidade de abertura ao diálogo com outras teorias das ciências da linguagem. Entre tantas, destacamos o diálogo com a abordagem enunciativa e pragmática do ponto de vista de Alain Rabatel, por ser uma das ancoragens centrais neste trabalho.

O conceito de ponto de vista (PDV) desenvolvido por Rabatel (2016a) envolve a análise discursiva e textual, definindo-se pelo aspecto linguístico, pelo objeto e pelo sujeito, conforme citado abaixo:

o PDV define-se pelos meios linguísticos pelos quais o sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo. Quanto ao objeto, ele pode corresponder a um objeto concreto, certamente, mas também a um personagem, uma situação, uma noção ou acontecimento, porque, em todos os casos, trata-se de objetos de discurso. O sujeito, responsável pela referência do objeto exprime seu PDV, tanto diretamente, por comentários explícitos, como indiretamente, pela referência, isto é, pelas escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico (Rabatel, 2016a, p. 30).

Consoante se compreende nesta citação, o objeto concreto do PDV pode corresponder a uma situação, bem como a um personagem. Além disso, no que se refere ao sujeito, fica compreendido que a expressão do PDV pode ocorrer de forma direta e/ou indireta.

Dito isso, importa destacar que, na concepção do citado autor, a manifestação do PDV pode ocorrer tanto em um contexto de atribuições de fala quanto em uma asserção. Dessa forma, é possível entender que, em dada circunstância, uma única palavra pode remeter a um posicionamento, o que evidencia a ausência de limites precisos ao PDV.

Rabatel (2009b) considera que os diferentes modos de marcar um PDV são verificados através das relações ocorridas entre locutor e enunciador. As relações são oriundas do modo como o locutor e o enunciador, enquanto instâncias do texto, posicionam-se a respeito dos PDV's de outros enunciadores, ou seja, qual sua posição no tocante aos discursos de outrem, retomados nos textos.

O PDV se faz presente em todos os tipos de texto e nos mais diversos gêneros discursivos. Rabatel (2016a) explica que o PDV não se limita à narrativa, mas pode se fazer presente em textos informativos, descritivos, argumentativos etc. Além disso, o autor esclarece que o PDV se apoia em formas variadas de expressão linguística e pauta-se em análises que relacionam descrição linguística e interpretação.

Nesse contexto, os enunciados pressupõem uma instância que se responsabiliza pelo que é dito. Para isso, são produzidos a partir das mais variadas formas de

expressão linguística, que vão desde palavras às mais variadas semioses, estabelecendo relação dialógica com o contexto de outros enunciados.

O processo de interpretação do PDV é complexo, pois pode exigir do analista/pesquisador a revisitação a um momento histórico, social, enunciativo. Os PDV's constroem uma subjetividade e um julgamento de valor, ainda que disfarçados ou ocultos. O PDV pode mascarar a origem enunciativa e a natureza profunda do ato da linguagem emitido, exercendo uma influência sobre o leitor/ouvinte, cujos efeitos podem ser o apagando do senso crítico e, portanto, da visada argumentativa, exercendo, assim, um papel pragmático.

Diante desse jogo interacional dos PDV's, das vozes presentes nos textos e do movimento de identificação do locutor com um ou outro PDV, é importante destacar que, conforme Rabatel (2016a), a análise textual dos discursos abrange, também, o aspecto argumentativo, uma vez que são oriundos de práticas sociais, em contextos reais e diversificados. Isso permite uma análise além da estrutura do texto ou do discurso, pois, ao se analisar um PDV em um enunciado, é possível apontar o contexto em que este foi elaborado, até mesmo encontrar as implicações que o levaram a surgir neste ou naquele contexto.

Sobre as instâncias enunciativas, Rabatel (2016a) explica que elas se referem aos diferentes sujeitos do discurso envolvidos numa situação comunicativa. Para ele, o PDV pode ser assumido diretamente por um locutor/enunciador primeiro (L1/E1) ou indiretamente por um locutor/enunciador segundo (l2/e2) ou por um enunciador segundo (e2) não locutor. Conforme suas próprias palavras,

O locutor é a instância que profere um enunciado (nas dimensões fonéticas e fáticas ou escriturais), conforme um posicionamento dêitico ou um posicionamento independente de ego, *hic et nunc*. Se todo locutor é um enunciador, todo enunciador não é, necessariamente, locutor, o que leva a dizer que um locutor pode, em seu discurso, ecoar em vários centros de perspectivas modais, mais ou menos saturadas semanticamente. Essa disjunção permite dar conta do fato de que o locutor narrador dá a entender o PDV de um enunciador personagem,

mesmo se seu PDV não está expresso em uma fala [...] (Rabatel, 2016a, p. 82-83).

Pela concepção de Rabatel (2016a), a compreensão sobre o conceito de enunciador é de suma importância, uma vez que, sem este, haveria dificuldade para dar conta do implícito e de todas as situações em que um locutor reporta um PDV que não é seu, mas que ele comunica em suas próprias palavras, sem endossá-lo completamente.

Considerando o enunciador como fonte de conteúdos proposicionais (constituídos de uma ou várias tomadas de posição), o grau de atualização no discurso, segundo a natureza dos fenômenos de responsabilidade enunciativa e segundo a reação dos interlocutores, Rabatel (2016a) diferencia enunciador primário e segundo.

Sobre o enunciador primário, o referido autor traz a seguinte definição:

aquele que assume a responsabilidade dos PDV aos quais ele adere, aquele a quem se atribui um grande número de PDV, redutíveis a um PDV geral e a uma posição argumentativa global supõe corresponder a sua posição sobre a questão. Nomearemos principal o enunciador em sincretismo com o locutor porque este último exprime um PDV a um triplo título [...] (Rabatel, 2016a, p. 86).

Já com relação aos enunciadores segundos, o autor considera-os como:

internos no enunciado que correspondem, no caso da narração, a personagens, e que são verdadeiros centros de perspectiva em que eles agregam em torno deles um certo número de conteúdos proposicionais que indicam o PDV do enunciador intradiscursivo sobre tal acontecimento, tal estado, tal noção etc. (Rabatel, 2016a, p. 87).

Ainda com relação ao enunciador primário, Rabatel (2016a) explica que o locutor comunica seu PDV enquanto tal, representando seu papel na enunciação, enquanto ser do mundo e enquanto sujeito que se responsabiliza pelo que afirma. Para Rabatel (2016a), essa disjunção

permite, também, dar conta das diversas posturas enunciativas autodialógicas do locutor, enquanto se distancia desse ou daquele PDV que havia sido o seu, ou que poderia ser o seu em outros quadros de veridicção (hipótese, ironia, concessão, negação etc.) (Rabatel, 2016a, p. 82-83).

Conforme Rabatel (2016b), as posturas enunciativas se definem pela posição que adota um enunciador na expressão de um PDV e se classificam em: i) coenunciação: a expressão de um PDV comum (concordância concordante); ii) super-enunciação: coconstrução desigual de um PDV dominante em forma aparente de acordo (concordância discordante); e iii) sub-enunciação: coconstrução desigual de um PDV dominado, não partilhado (discordância concordante).

No que tange à definição das instâncias enunciativas e sua relação com a responsabilidade enunciativa, o mesmo autor define o enunciador como instância relacionada aos PDV, ou seja, como uma posição (enunciativa) que adota o locutor sob tal ou tal PDV, por sua responsabilidade ou de outrem. Em virtude disso, o locutor se constitui um enunciador, quando assume e se posiciona em relação ao conteúdo proposicional de um PDV. Por conseguinte, é dado ao enunciador o atributo de assumir um PDV, ainda que, no caso de um e2, este não fale, literalmente.

Nesse sentido, Passeggi *et al.* (2010) explicam que a responsabilidade enunciativa consiste na assunção do conteúdo do que é enunciado por determinadas entidades ou instâncias, ou na atribuição de alguns enunciados ou PDV a certas instâncias. Sobre esse fenômeno, Adam (2011, p. 117) entende que “o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidades da língua”, quais sejam: os índices de pessoas, os dêiticos espaciais e temporais, os tempos verbais, as modalidades, os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores, os fenômenos de modalização autonímica e as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Algumas dessas unidades correspondem à “imputação”, que indica os conteúdos proposicionais que o L1/E1 atribui a um e2. Segundo Guentchéva (1994), a forma mediativa significa que o conteúdo do enunciado não é assumido pelo enunciadador. A utilização de elementos do quadro mediativo no discurso permite ao enunciadador significar os diferentes graus de distância do conteúdo enunciado e indicar, de forma explícita, que ele não é a fonte primária da informação.

Na concepção de Guentchéva (1994), isso acontece porque os fatos enunciados constituem conhecimentos geralmente admitidos ou transmitidos pela tradição; porque foram levados ao conhecimento do enunciadador por uma terceira pessoa ou por ouvir dizer; porque foram inferidos a partir de índices observados; e porque são o resultado de um raciocínio. Diante dessas circunstâncias, o enunciadador obriga-se a marcar formalmente em seu discurso a posição assumida, ou seja, a utilizar unidades da língua que indicam se ele se envolve ou não nos fatos enunciados.

A fim de estabelecermos outras articulações teóricas que atendam ao propósito deste trabalho, especialmente para tratarmos da relação entre PDV e autoria, retomamos, de maneira mais breve, algumas postulações teóricas do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2013, 2016), em diálogo com as contribuições de Possenti (2009), no âmbito da Análise do Discurso, e de Rabatel (2010), no que se refere à teoria do ponto de vista.

Na perspectiva bakhtiniana, a autoria é inseparável do discurso e, portanto, do enunciado, bem como das relações dialógicas que o constituem. Essa compreensão fica evidente em uma passagem de “Problemas da Poética de Dostoiévski”, quando Bakhtin (2013) postula que as relações dialógicas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua, entre as relações lógicas e concreto-semânticas, pois, para se tornarem dialógicas, precisam se materializar em discurso, em enunciado, e ganhar autor, que é “o criador de dado enunciado cuja posição ele expressa” (Bakhtin, 2013, p. 210).

Mas, como claramente orienta Faraco (2012), as noções de autor e autoria podem ser apreendidas em quase todos os escritos de Bakhtin. O percurso de leitura dos postulados bakhtinianos feito por Faraco (2012) nos conduzem ao entendimento de que, no ato estético, o autor-criador é distinto do autor-pessoa (escritor, artista) e, ao ser caracterizado por um princípio de exterioridade, isto é, de deslocamento, de olhar de fora, e de alteridade, relaciona-se com a expressão de um posicionamento valorativo (axiológico).

Compreendemos que a posição axiológica tem relação com a natureza constitutivamente ideológica do signo, que não é apenas uma parte da realidade, “mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov, 2017, p. 93). Assim, a posição axiológica é um modo de ver o mundo que orienta as escolhas composicionais e de linguagem na construção do enunciado, do objeto estético, e guia o olhar do leitor. Como afirma Volóchinov (2017, p. 93), “as categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo”. É segundo essa perspectiva que o autor-criador pode ser pensado como “uma posição axiológica” e como a “voz social”, sendo ambas responsáveis por dar “unidade ao todo artístico” (Faraco, 2012, p. 41).

O ponto que queremos destacar das reflexões bakhtinianas em seu conjunto de escritos é que não há enunciado sem autor; portanto, sem uma posição valorativa social, que é também “verbo-axiológica”, no sentido de se constituir como uma interpretação do mundo materializada no enunciado. As palavras de Faraco (2012, p. 56), novamente, nos permitem essa compressão: “[...] autorar é assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) social(is)”. Assim, buscar o autor no texto/enunciado é buscar por uma posição autoral.

Em síntese, conceber a autoria enquanto expressão de uma posição axiológica no enunciado implica entender que este é resultante da criação ideológica, ou seja, situa-se em determinado campo da atividade humana. Cada campo elabora suas

formas típicas de enunciado, ou seja, gêneros do discurso, concretos e únicos, orais e escritos, primários e secundários, caracterizados pelo conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional. Implica entender, também, que todo falante é um respondente, porque está inserido na cadeia de comunicação discursiva. Assim, nenhum enunciado surge no vazio; cada enunciado estabelece um elo em uma corrente complexamente organizada de outros enunciados, o que se constitui como relações dialógicas.

Para Bakhtin (2016), “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso)” (Bakhtin, 2016, p. 25). Ainda segundo o autor, o enunciado, como unidade da comunicação humana, possui peculiaridades específicas: a alternância dos sujeitos do discurso; sua conclusibilidade específica; a relação do enunciado com o autor e outros participantes da comunicação discursiva; e o endereçamento.

Diferentemente das unidades da língua, como palavras e orações, o enunciado tem autor, expressão e destinatário. A percepção do destinatário pelo falante e a influência que esse destinatário exerce sobre o enunciado são determinantes, tanto para a composição, quanto para o estilo do enunciado. Dessa forma, apreendemos que a autoria está intrinsecamente ligada à responsividade e às relações dialógicas que caracterizam “toda a vida da linguagem, seja qual for o seu emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.)” (Bakhtin, 2013, p. 209).

Nesse debate científico sobre autoria, consideramos que Possenti (2009) traz contribuições pertinentes ao campo dos estudos do discurso, especialmente por tornar objetivo o conceito foucaultiano de autor, que é correlato à “obra”, por meio da qual se reconhece a figura de um autor, e pode remeter também a fundadores de discursividade. Foucault (2012) postula a noção de “função autor”, que é portada por meio do discurso: “a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 2012, p. 46).

Como tal, essa função autor tem as seguintes características: está ligada ao sistema jurídico e institucional; se exerce de forma variada nos discursos, tendo em vista as diferentes épocas e civilizações; “não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas”; não tem caráter individual, pois pode dar lugar a “várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar” (Foucault, 2012, p. 56-57).

Eu seu ensaio, Possenti (2009) se assimila ao postulado foucaultiano de autoria como sendo de natureza discursiva, mas propõe o termo “indícios de autoria”, para torná-lo operacional na análise, por exemplo, de textos de um escolar (estudante), que nem tem uma obra nem é o fundador de uma discursividade. Aproximando a autoria de noções como singularidade, originalidade e estilo, Possenti (2009) propõe três categorias que permitem identificar o autor em um texto, bem como distingui-lo de texto sem autor, quais sejam: a) **dando voz aos outros** (incorporar outros discursos); b) **mantendo distância** (ser capaz de se deslocar do próprio texto, marcando uma posição); e c) **evitando a mesmice** (primar pela criatividade, por exemplo, no “como” dar voz aos outros).

Por fim, retomamos Rabatel (2010), que também dialoga com a noção foucaultiana de autor e diz privilegiar o termo “figura do autor”, alertando que esta noção se distingue de escritor, pois esse último pode assumir a figura de simples compilador, de continuador. Assim, ser escritor não é condição para se constituir autor. Para Rabatel (2010), a autoria é correlata de uma voz portadora de um ponto de vista próprio, em que se expressa uma contribuição pessoal do sujeito; portanto, vai além da assunção da responsabilidade dos PDV’s de outros. Ainda segundo esse autor,

A dimensão qualitativa da autoria construída no e pelo texto não deixa de acrescentar complexidade a uma noção que, por si só, já é complexa. Isso implica um conjunto de especificidades enunciativas que não se limitam às marcas pessoais e espaço-temporais, incluindo a gestão das

fontes enunciativas, a seleção das noções, sua apresentação, bem como sua hierarquização e discussão. (Rabatel, 2010, p. 507, tradução nossa¹).

Nessa visão enunciativa, Rabatel (2010) considera a autoria como a perspectiva adotada pelo autor e que se expressa no texto, daí sua dimensão argumentativo-pragmática forte, estando ligada, portanto, à gestão das vozes.

Feita esta síntese dos conceitos norteadores da análise, passamos a situar o contexto de construção do percurso metodológico do trabalho.

3 Metodologia

Quanto à materialidade de análise, este trabalho se volta para um recorte do *corpus* de uma pesquisa que desenvolvemos no PIBIC, na edição 2024-2025. Seguindo a proposta do projeto, adotamos uma abordagem qualitativa (Chizzotti, 2003), de caráter descritivo-interpretativo, valendo-nos, também, dos procedimentos de quantificação e comparação (Bentes; Palumbo; Aquino, 2021; Schneider; Schmitt, 1998), conforme se fez necessário para atendermos aos objetivos pretendidos.

O contexto de realização da pesquisa envolve um experimento com o ChatGPT para a produção auxiliada da seção teórica de um artigo científico. Além de ter suas ações voltadas para potencializar a formação do pesquisador iniciante da área de Letras, especificamente o(s) estudante(s) da graduação atuante(s) como bolsista(s) de iniciação científica, o projeto da pesquisa visa obter um banco de dados que possibilite aos demais pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do nosso grupo de pesquisa o estudo do texto centrado no nível ou plano da enunciação, o qual abrange a responsabilidade enunciativa e coesão polifônica (Adam, 2011).

¹ La dimension qualitative de l'auctorialité construite dans et par le texte n'est pas sans ajouter de la complexité à une notion qui n'en manque pas par ailleurs. Cela implique un ensemble de spécificités énonciatives qui ne se bornent pas aux marques personnelles et spatio-temporelles, incluant la gestion des sources énonciatives, la sélection des notions, leur présentation ainsi que leur hiérarchisation et leur discussion.

Considerando o contexto de produção do *corpus*, foram estabelecidas as condições para a delimitação e seleção da amostra textual a ser analisada. Entre as principais, definimos o uso da versão 3.5 do ChatGPT, por ser gratuita, indicada para tarefas do cotidiano, e usada por diversas pessoas em diferentes contextos, desde sua criação em 2022. Decidimos que o tema escolhido para a produção do texto deveria ser de conhecimento prévio do pesquisador, para facilitar a identificação de possíveis equívocos cometidos pelo ChatGPT. Estabelecemos que os tópicos da seção teórica do artigo (e suas outras possíveis versões) gerados com auxílio do ChatGPT serão utilizados exclusivamente para a finalidade científica de análise da inserção de vozes alheias, da responsabilidade enunciativa e de outros aspectos de interesse dos pesquisadores do grupo.

Atendidas essas condições, o *corpus* da pesquisa se constitui de uma seção teórica de artigo científico elaborada com auxílio do ChatGPT, composta por três tópicos e suas versões revisadas e ampliadas pela ferramenta. O critério principal para compor esse *corpus* é o alinhamento dos textos ao contexto de produção, à finalidade pretendida e aos dados fornecidos nos *prompts*. Além disso, para possibilitar futuros estudos comparativos, o *corpus* também abrange três seções teóricas de artigos científicos publicados em revistas especializadas na área de Letras, com filiação teórica e temática semelhantes ao texto produzido com auxílio do ChatGPT.

Mas, neste trabalho, especificamente, tomamos como *corpus* de análise a primeira versão do texto produzido com auxílio do ChatGPT por ocasião da submissão ao edital do PIBIC, em 26 de abril de 2024, e outras duas versões elaboradas em 11 e 14 de julho de 2024, após o resultado da avaliação do projeto, quando iniciamos o processo de construção do *corpus* e executamos comandos de ajustes naquela versão inicial.

Na interação com o ChatGPT, foi solicitada a produção de uma seção teórica sobre as noções de ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa. O comando especificava uma série de regras, incluindo a forma de citar

os autores, a adequação à escrita científica, às normas técnicas da ABNT, a criação do título, entre outras. Para fundamentar a seção, foi fornecido um fichamento de transcrição, com citações diretas de vários autores, com a indicação da data e da página. Para a elaboração da segunda versão, foi repetido o mesmo comando, enquanto, na última, solicitamos e orientamos ajustes, visando à melhoria do texto.

Na análise do *corpus*, foram considerados os seguintes conceitos e as categorias correlatas: i) as instâncias enunciativas na origem do PDV – L1/E1, l2/e2 e e2; ii) a responsabilidade enunciativa e marcas linguísticas, especificamente as modalidades, os tipos de representação da fala e as indicações de quadros mediadores (mediativo); iii) as posturas enunciativas – coenunciação, super-enunciação e sub-enunciação; iv) o posicionamento valorativo (axiológico) e as escolhas estilístico-composicionais do enunciado.

Cada categoria foi mobilizada em sintonia com os respectivos quadros teóricos apontados e articulados na seção 2 deste trabalho, de modo a configurar a análise como sendo de natureza textual-discursiva. Nesse sentido, seguimos a concepção de Adam (2017), no âmbito da ATD, de que “o texto é a marca languageira de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de discurso”, ou ainda como “objeto singular resultante de uma ação sociodiscursiva e de um ato de enunciação” (Adam, 2017, p. 46).

4 Análise do *corpus* de discussão dos resultados

Tendo em vista os objetivos específicos, verificamos que, com relação à primeira versão do texto, reproduzida a seguir, a inserção das vozes alheias se deu de forma explícita, mostrada e marcada no fio do dizer, revelando que o ChatGPT seguiu o comando de citar os autores indicados, mas o fez de forma parcial, uma vez que não citou todos.

(1)

Título do Tópico: Noções de Ponto de Vista, Instâncias Enunciativas e Responsabilidade Enunciativa na Análise Textual dos Discursos

A análise da responsabilidade enunciativa, inserida na perspectiva da Análise Textual dos Discursos (ATD), **demand a consideração** das noções de ponto de vista e das instâncias enunciativas como elementos fundamentais para compreender a construção e a atribuição de sentido nos discursos. **Segundo Adam (2011)**, toda representação discursiva é expressão de um ponto de vista, sendo inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significante. Nesse sentido, o ponto de vista é marcado por introdutores como "segundo", "de acordo com" e "para", configurando o mediativo, **como proposto por Zlatka Guenchéva (1994; 1996)**.

A noção de ponto de vista, **conforme Rabatel (2008)**, é complexa, abrangendo desde a expressão de uma opinião até a adoção de um centro de perspectiva narrativo. Dessa forma, o ponto de vista não se restringe apenas à vista física, mas engloba também uma visão subjetiva ou uma posição a ser defendida, o que evidencia a dimensão subjetiva e argumentativa envolvida na enunciação.

No que diz respeito às instâncias enunciativas, **é essencial considerar** o papel do locutor, entendido como a instância que profere um enunciado, seja de forma física, fática ou escritural. **Como destaca Rabatel (2016)**, todo locutor é um enunciador, mas nem todo enunciador é necessariamente um locutor. Essa distinção permite compreender as diversas posturas enunciativas que um locutor pode assumir em seu discurso, ecoando centros de perspectiva modais diversos.

A responsabilidade enunciativa, por sua vez, envolve a construção e a assunção da responsabilidade do ponto de vista, bem como o valor ilocutório dos atos de discurso. **Segundo Adam e Lugrin (2006)**, a responsabilidade enunciativa é uma noção ética e jurídica que, quando redefinida enunciativamente, pode ser linguisticamente abordada a partir da construção de uma representação discursiva e da assunção da responsabilidade enunciativa dessa representação.

Em síntese, as noções de ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa **são fundamentais** para a análise textual dos discursos, **permitindo uma compreensão mais profunda** da construção e atribuição de sentido nos discursos analisados (destaque acrescentado).

Para efeito de clareza quanto ao aspecto da inserção e gerenciamento das vozes no texto, elaboramos um quadro-síntese demonstrando quais os autores e a

quantidade de citações fornecidas ao ChatGPT, de modo a contrastar com o resultado obtido na produção textual.

Quadro 1 – Formas de incorporação dos dados fornecidos ao ChatGPT na primeira versão do texto.

Autores e datas das obras fornecidos ao ChatGPT	Quantidade de citações diretas fornecida ao ChatGPT	Incorporação e recorrência das citações diretas na primeira versão do texto gerado pelo ChatGPT		Formas de transmissão das palavras dos autores no texto gerado pelo ChatGPT
		SIM	NÃO	
Adam (2011)	05	1 vez		Marcador “segundo”
Adam e Lugin (2006)	01	1 vez		Marcador “segundo”
Rabatel (2008)	01	1 vez		Marcador “conforme”
Rabatel (2016)	06	1 vez		
Rabatel (2017)	01		x	Marcador “como”
Rodrigues (2017)	01		x	

Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados do quadro permitem vislumbrar o contraste entre o volume de dados fornecidos ao ChatGPT e o que realmente foi processado para fundamentar a construção da seção teórica do artigo, a qual deveria discorrer sobre as noções de ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa, no âmbito da ATD. O total de quinze citações diretas, que compunham um volume textual de três páginas em espaçamento simples no Word, foi parcialmente reproduzido na discussão feita nesta versão do texto, reduzindo-se a quatro citações indiretas.

Essa redução é ilustrativa do fato de que o conteúdo desenvolvido na primeira versão do texto, gerado com auxílio do ChatGPT, ficou insuficiente e superficial, porque não expressa com profundidade a noção de responsabilidade enunciativa, as nuances relacionadas à sua variabilidade (os graus de assunção, a imputação, as possibilidades de posicionamento do L1/E1 diante de um PDV imputado a outrem), a complexa distinção e relação entre as instâncias na origem de um PDV, o papel do L1/E1 na interação com os PDV's alheios, enfim, não discorre com consistência sobre

esses conceitos. O ChatGPT também não reconheceu/mencionou as filiações teóricas dos demais autores indicados, para além de Adam (2011), como a teoria do ponto de vista de Alain Rabatel, por exemplo. A ATD chegou a ser mencionada no texto porque foi uma informação já posta no comando, quando situamos o contexto de produção do artigo.

Além disso, a forma de transmissão da palavra alheia evidenciada por meio das citações dos autores foi sempre a mesma, variando apenas entre os marcadores de mediativo “segundo” e “como”. No comando, foi orientado que o ChatGPT usasse citações diretas e indiretas e emitisse posicionamento crítico sobre as ideias dos autores. Assim, o comando pressupõe/testava a capacidade da ferramenta de demonstrar um repertório variado no modo de sinalizar o diálogo com as vozes alheias, bem como no modo de se posicionar. Em todo o texto da primeira versão, não constam verbos de atribuição de fala, tais como “afirma”, “diz”, “declara”. Percebemos que as formas do discurso direto (DD), discurso indireto (DI), e suas variantes, comuns em seções teóricas de artigos científicos e em textos acadêmicos de um modo geral, não foram utilizadas.

Supomos que o uso exclusivo da citação indireta, por meio de marcadores de mediativo (MED), mesmo quando fornecemos a reprodução literal das palavras alheias (destacadas com aspas, indicando data e página), revela a limitação da ferramenta de IA naquele contexto específico, ou seja, sua incapacidade de se constituir, por conta própria, como um porta-voz fiel do discurso do outro. É curioso esse aspecto porque, como diz Guentchéva (1994, p. 12, tradução nossa), “todo enunciado que pertença à categoria do MED, nunca é, na nossa opinião, uma tomada de posição sobre um ato de fala”². Assim, estando em ruptura com a situação de enunciação matriz,

² tout énoncé qui relève de la catégorie du MED, n'est jamais, selon nous, une prise de position sur un autre acte de parole.

o MED não exprime nenhuma garantia das palavras relatadas e põe o enunciado fora de toda asserção, isto é, de uma notificação referencial em ‘verdadeiro’ ou em ‘falso’: o enunciador não assume a responsabilidade pelo conteúdo do que enuncia estabelecendo uma distância entre ele e os fatos relatados³” (Guentchéva, 1994, p. 12-13, tradução nossa).

Inferimos, nesse caso, que a ausência dos tipos de representação da fala nesse texto gerado com auxílio do ChatGPT pode se relacionar com a gestão de dados e atuação dos algoritmos de IA. Entendemos, com base em Guentchéva (1994), que nos diferentes tipos de representação da fala – especialmente no DI, foco da reflexão teórica da autora em comparação com a categoria do MED –, o enunciador se compromete, pois garante o valor de verdade do que ele relata.

Nesse tipo de produção textual auxiliado por IA, é a pessoa física do mundo, representada pelo locutor enquanto tal, que pode instruir a ferramenta a fazer sua própria voz e sua posição enunciativa se expressarem no texto. Inclusive, isso parece já ser pressuposto no funcionamento da ferramenta de IA, pois, na própria interação, o ChatGPT declara: “Fico no aguardo das referências e do fichamento das ideias dos autores **para que possamos** começar a elaboração do tópico da seção teórica. Quando estiver pronta, por favor, poste aqui”. A expressão em destaque foi utilizada mais de uma vez na conversa, além de outras que evidenciam seu *status* de mera ferramenta cuja função é somente auxiliar o humano: “para começarmos”, “para que eu possa auxiliá-la da melhor forma possível”, “estou aqui para ajudar”.

Foi sugerido ao ChatGPT que não citasse fontes externas, mas somente os autores indicados no fichamento fornecido, supondo-se o risco de apropriação

³ Le MED n'exprime aucune garantie des propos rapportés et place l'énoncé hors de toute assertion, c'est-à-dire d'une assignation référentielle en « vrai » ou en « faux » : l'énonciateur n'assume pas la responsabilité du contenu de ce qu'il énonce en établissant une distance entre lui et les faits rapportés.

indevida da palavra alheia. Esse comando foi atendido, mas cabe destacar que outra fonte foi mencionada no texto, como se tivéssemos fornecido citações diretas relacionadas a ela. Usando o marcador de mediativo “como proposto por”, o ChatGPT reproduziu uma ideia de “Zlatka Guenchéva (1994, 1996)” sobre a noção de ponto de vista, mas não explicita que Adam (2011) foi quem referenciou a autora, já que tal ideia estava no fichamento referente ao texto de Adam (2011).

Por essas primeiras impressões acerca do gerenciamento das vozes alheias no texto gerado com auxílio do ChatGPT, podemos inferir que há uma limitação qualitativa considerável na apreensão do comando, mesmo quando a ferramenta declara que entendeu as regras e se comprometeu a realizar a tarefa. Embora tenha citado explicitamente os autores indicados no fichamento, atribuindo a eles a responsabilidade enunciativa, tal como sugerem as indicações de quadros mediadores (mediativo), o ChatGPT cometeu equívoco ao parecer que citou “Zlatka Guenchéva (1994, 1996)” diretamente dos textos-fonte da autora, quando, na verdade, caberia o uso de “*apud*”. A propósito, lhe foi instruído que deveria seguir as prescrições da ABNT.

Quanto aos dispositivos relacionados ao ponto de vista, segundo as postulações teóricas de Rabatel (2016a), é fato interessante notar o apagamento enunciativo na maior parte do texto, mas também alguns indícios de engajamento em outras. O apagamento enunciativo pode ser percebido a partir da forma impessoal do discurso, pois todo o texto foi gerado em 3ª pessoa do singular. Além disso, as ocorrências de imputação de PDV a enunciadores segundos (e2), conforme se pode ver nesta primeira versão do texto, indicam o distanciamento enunciativo, uma vez que outras instâncias se responsabilizam pelo conteúdo proposicional declarado.

Essa forma impessoal caracteriza o que Rabatel (2016a, p. 80) denomina de “enunciação não embreada (ou desembreada)”, uma vez que a pessoa do discurso está ausente. Não vemos no texto marcas linguísticas que sinalizam a presença da instância de atualização dêitica do enunciado, o locutor. Trata-se, ainda mais, do tipo de

“enunciação teórica”, dada a pretensão que se evidencia no texto de definir conceitos, tal como foi solicitado no comando.

Mas, quanto ao plano de expressão do sujeito modal, ou seja, do enunciador, podemos associar ao tipo “subjativante”, já que o texto contém alguns subjativemas, especificamente expressões modais e lexemas avaliativos em que se pode verificar uma certa tomada de posição, quais sejam: “demanda a consideração” (= é preciso considerar), “elementos fundamentais”, “é essencial considerar”, “são fundamentais”, “permitindo uma compreensão mais profunda”. Assim, observamos tanto o apagamento enunciativo, pela forma impessoal no momento de se reportar aos PDV’s dos autores, quanto o engajamento enunciativo, na tentativa de emitir a posição crítica solicitada no comando.

Na introdução do texto, as passagens com tom apreciativo podem orientar a leitura de que é preciso levar em conta a relação indissociável entre as noções de responsabilidade enunciativa, ponto de vista e instâncias enunciativas, segundo a ATD, bem como reconhecer o papel dessas noções para este quadro teórico-metodológico. Já no desenvolvimento e na conclusão, essas passagens podem sugerir o que seria uma postura de coenunciação (Rabatel, 2016b), por validarem o conteúdo dos PDV’s dos autores.

No caso de se admitir que as marcas linguísticas sinalizadoras de imputação de PDV e expressivas do sujeito modal, tal como identificamos na análise até aqui, podem evidenciar a capacidade do ChatGPT de “dar voz aos outros”, como diria Possenti (2009), e de expressar um posicionamento de acordo no texto, parecendo um “coenunciador” dessas vozes, como diria Rabatel, (2016b), é certo contestar sua capacidade de se portar como sujeito autor na origem de um PDV próprio (Rabatel, 2010), tal que responda por ele, e na origem de um posicionamento valorativo, axiológico (Bakhtin, 2013, 2016; Volóchinov, 2017). Para argumentarmos nessa direção, vamos considerar nesta análise, para efeitos de comparação, a penúltima e a última versão do texto produzido com auxílio do ChatGPT.

No dia 11 de julho de 2024, voltamos a interagir com o ChatGPT, anunciando a retomada da produção da seção teórica do artigo científico, mas repetimos o mesmo comando, para verificação da capacidade de memória da ferramenta. Antes mesmo de receber o comando completo, o ChatGPT produziu o texto da segunda versão indevidamente, sendo preciso adverti-lo e solicitar a reparação do erro. Feito isso, ele gerou a terceira versão do texto, porém mais uma correção foi necessária, resultando, finalmente, numa quarta versão que marcou o encerramento da tarefa naquele dia.

No dia 14 de julho de 2024, retomamos o experimento e anunciamos um novo comando, dizendo ao ChatGPT que seria preciso melhorar o texto. Pedimos uma discussão mais detalhada e aprofundada sobre as noções mencionadas. Orientamos que retomasse de forma mais precisa os autores indicados no fichamento, reproduzindo suas ideias conforme as regras combinadas. Orientamos, ainda, que o texto deveria ficar mais longo que a primeira versão e mantivemos o comando de dar um título à seção, o qual, aliás, permaneceu o mesmo em todas as versões.

A seguir, vamos nos concentrar na análise qualitativa da versão 4, que representa a correção da versão 2, e da versão 6, que representa o atendimento ao novo comando de melhorar o texto. As demais versões foram desconsideradas do *corpus* pelas seguintes razões: a versão 2 foi gerada indevidamente antes das regras, as versões 3 e 5 foram indevidamente topicalizadas, já que o comando não orientava subdivisões na seção. Os dados do Quadro 2, a seguir, permitem uma análise comparativa entre as versões consideradas como *corpus* deste trabalho.

Quadro 2 – Análise comparativa de versões do texto.

Versões do texto	Autores citados	Recorrência	Formas de transmissão das palavras dos autores
Versão 4	Adam (2011)	7 vezes	“De acordo com Adam (2011)” “Adam afirma que” “é destacada por Adam (2011), que identifica” “Adam identifica”
	Rabatel (2017)	2 vezes	“Rabatel (2017) complementa [...] ao afirmar que”

	Rabatel (2016)	5 vezes	“Segundo Rabatel (2016)” “Rabatel (2016) destaca que”
	Adam e Lugrin (2006)	1 vez	Adam e Lugrin (2006) redefinem [...] abordando-a”
Versão 6	Adam (2011)	7 vezes	“Adam (2011) destaca que” “Ele afirma que” “Adam (2011) identifica que”
	Rabatel (2016)	9 vezes	“Alain Rabatel (2016) aborda” “Para Rabatel (2016, p. 71)” “Rabatel (2016) também distingue [...], destacando que” “Rabatel (2016) aprofunda” “No entanto, Rabatel distingue”
	Adam e Lugrin (2006)	1 vez	“Adam e Lugrin (2006, p. 1) redefinem”

Fonte: elaborado pelos autores.

É interessante destacar que, no contexto de elaboração da versão 4, o ChatGPT já dispunha da memória da primeira conversa, tendo sido agora somente repetido o comando, por meio do qual fornecemos o mesmo fichamento e as mesmas regras. Ainda assim, o texto ficou bem diferente da primeira versão. Inclusive, em termos de extensão material, a versão 1 contém 327 palavras, a versão 4 contém 645 e a última versão contém 776.

Em termos quantitativos, vemos que o repertório de obras/autores diminuiu de 6 para 4, porém aumentou o número de vezes em que foram mencionados no texto, além de haver uma maior variedade de formas de transmissão das palavras desses autores. Se na versão 1 essas formas se limitavam aos marcadores de mediativo “segundo”, “conforme” e “como”, nas versões 4 e 6 foram utilizados também os tipos de representação da fala: DD e DI.

Na versão 6 (final), o ChatGPT manteve um padrão em relação às anteriores, o qual consistiu em diminuir o repertório de autores, aumentar o total de menções e variar as formas de transmitir as palavras desses autores. Mas esse padrão não parece regular, já que somente um dos autores passou a ser mais citado, no caso “Rabatel (2016)” – 6 vezes na versão 1, 7 vezes na versão 4 e 9 vezes na versão final.

Tendo em vista o uso dos tipos de representação da fala nessas duas versões do texto, anulamos nossa suposição inicial quanto a uma possível reserva da ferramenta de IA de não firmar comprometimento com a verdade ao se reportar às ideias de outrem, especialmente nesse tipo de contexto da produção de textos acadêmicos. De toda forma, precisamos considerar que a reprodução literal das ideias dos autores ocorreu porque no comando já continha as informações, ou seja, as exatas palavras dos autores, com aspas e a localização de data e página. É provável que haja uma tendência ao uso de citações indiretas, por meio de indicações de quadros mediadores, especificamente quando não houver um comando que forneça o fichamento de transcrição das ideias dos autores a fundamentar o texto.

Esse dado demanda verificações mais apuradas, uma vez que não sabemos a quais fontes de dados as ferramentas de IA podem ter acesso, de tal forma a serem capazes de reproduzir fielmente, via DD, trechos de outros textos científicos (livros, artigos, dissertações, teses, por exemplo). Além disso, lembremos que as mesmas regras foram fornecidas ao ChatGPT para as versões 1 e 4, mas com uma diferença temporal de quase 3 meses uma da outra. Em maio de 2024, o ChatGPT passou por atualização do sistema, agregando capacidades como: conversar como um humano; entender expressões faciais e interpretar emoções; programação; traduzir em tempo real; realizar operações matemáticas; expressar emoção nas vozes; interpretar fotos enviadas⁴. Observamos que, nessa atualização, a versão 3.5, que é gratuita e mais limitada, passou a disponibilizar a função de anexar arquivo na conversa, a qual não continha quando foi produzida a primeira versão do texto.

Observando o nível de análise enunciativo, em que focalizamos a responsabilidade enunciativa e coesão polifônica, as versões 4 e 6 evidenciam certa semelhança com a primeira versão no que se refere ao recurso de atribuição de PDV's a outrem e ao modo de sinalizar o plano de expressão do sujeito modal. Nesse sentido,

⁴ Informações disponíveis em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2024/05/gpt-4o-8-recursos-da-nova-versao-do-chatgpt-que-va-te-impresionar-edsoftwares.ghtml>

há claramente porções do texto em que não se assume a responsabilidade pelo conteúdo daquilo que é declarado e outras em que se observa um certo engajamento enunciativo. Passemos a demonstrar esses aspectos nos excertos a seguir, nos quais destacamos de **negrito** os elementos que interessam ao propósito deste trabalho.

(2a-v4)

A análise textual dos discursos se apoia em **conceitos fundamentais** como o ponto de vista (PdV), as instâncias enunciativas e a responsabilidade enunciativa, que **são cruciais** para a compreensão das dinâmicas discursivas. Jean-Michel Adam, Alain Rabatel e outros autores oferecem **perspectivas essenciais** para esta abordagem.

(2b-v6)

A compreensão das noções de ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa **é fundamental** para a análise textual e discursiva, especialmente no que se refere à construção de sentidos e à gestão das vozes no discurso. Esses conceitos **são amplamente discutidos** nas obras de Jean-Michel Adam e Alain Rabatel, **cujas contribuições fornecem uma base teórica sólida** para o entendimento dessas categorias.

(3a-v4)

De acordo com Adam (2011), toda representação discursiva (Rd) é a expressão de um ponto de vista (PdV), estabelecendo uma relação entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significativa. **Adam afirma que** "o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significativa" (**Adam, 2011, p. 113**). Esta relação é fundamental para a análise textual, pois o sentido de um enunciado (o dito) é indissociável do dizer, ou seja, da atividade enunciativa que o texto convida a (re)construir. A importância do mediativo na expressão dos pontos de vista também **é destacada por Adam (2011), que identifica** formas como "segundo", "de acordo com" e "para" como marcadores de uma zona textual sob a dependência de uma fonte de saber ou de percepção. Essas formas marcam uma mediação epistêmica ou perceptiva, permitindo que os enunciados não sejam necessariamente assumidos pelo locutor-narrador (**Adam, 2011, p. 115**). Esta mediação **é crucial** para a atribuição de responsabilidade enunciativa e para a definição dos contornos de um PdV.

(3b-v6)

Jean-Michel Adam (2011) destaca que toda representação discursiva (Rd)

é a expressão de um ponto de vista (PdV). **Ele afirma que** “diremos que toda representação discursiva (Rd) é a expressão de um ponto de vista (PdV) (relação [A] – [B]) e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significativa (relação [C1] – [B]). Enfim, o valor descritivo de um enunciado (A) só assume sentido na relação com o valor argumentativo desse enunciado (C1). O sentido de um enunciado (o dito) é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significativa que o texto convida a (re)construir” (Adam, 2011, p. 113). Isso implica que a construção do sentido está intrinsecamente ligada à perspectiva adotada pelo enunciador e à sua intenção argumentativa. **Adicionalmente, Adam (2011) identifica que** pontos de vista são frequentemente marcados por introdutores como "segundo", "de acordo com" e "para", que são formas exemplares do mediativo. Essas formas indicam uma dependência de uma fonte de saber ou de percepção, permitindo que os enunciados não sejam necessariamente assumidos pelo locutor-narrador (Adam, 2011, p. 115). A extensão do enunciado atribuído a um PdV **é uma questão crucial** na análise discursiva (Adam, 2011, p. 116), pois determina o grau de envolvimento e responsabilidade do locutor em relação ao conteúdo expressado.

Os dois primeiros excertos, 2a e 2b, são a introdução do texto nas versões 4 e 6, respectivamente, enquanto os outros dois, 3a e 3b, são o segundo parágrafo do texto, nas referidas versões. Nesses excertos, mesmo que o texto configure uma enunciação desembreada, impessoal, há marcas linguísticas subjetivantes que expressam o sujeito modal, conforme Rabatel (2016a), ou seja, a posição de um suposto enunciador, em passagens como: “conceitos fundamentais”, “são cruciais”, “perspectivas essenciais” (2a-v4); “é fundamental”, “são amplamente discutidos”, “cujas contribuições fornecem uma base teórica sólida” (2b-v6); “é crucial” (3a-v4); “adicionalmente”, “é uma questão crucial” (3b-v6).

Esse tipo de avaliação positiva do conteúdo proposicional dos PDV's parece ser um padrão no ChatGPT, pois se repete em todas as versões, sobretudo na introdução e na conclusão do texto. O ponto interessante é que se trata do mesmo componente estilístico-composicional (uso de advérbios de opinião e lexemas avaliativos, por exemplo), como podemos ver também nos trechos da conclusão, nas duas versões:

(4a-v4)

A articulação dos conceitos de ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa **permite uma compreensão aprofundada das dinâmicas discursivas**. As contribuições de Adam e Rabatel **fornece uma base sólida** para a análise textual dos discursos, **destacando a complexidade e a importância dessas noções** na construção e interpretação dos textos.

(4b-v6)

A articulação entre ponto de vista, instâncias enunciativas e responsabilidade enunciativa **é crucial** para a análise textual e discursiva, **oferecendo uma compreensão profunda** sobre como os sentidos são construídos e como as vozes são gerenciadas no discurso. As contribuições de Jean-Michel Adam e Alain Rabatel **fornece um quadro teórico robusto** para explorar essas noções, **permitindo uma análise detalhada** das dinâmicas enunciativas e das posturas adotadas pelos locutores em diferentes contextos discursivos.

Pensando nas reflexões teóricas sobre autor e autoria, a partir de autores como Bakhtin (2013, 2016), Possenti (2009), Rabatel (2010), somos levados a concluir que, nestas duas versões analisadas, o ChatGPT foi capaz de dar voz aos outros, tal como o fez na versão 1, mas nestas versões conseguiu simular um locutor que é o porta-voz fiel dos PDV's alheios, pois os reportou via DD. Além disso, expressou um "enunciador" distanciado, ao usar marcadores do mediativo, mas também um certo engajamento enunciativo, por meio de um tom elogioso, por demais enaltecendo do conteúdo proposicional desses PDV's. Se, por um lado, essa capacidade parece surpreender, por outro, demonstra a limitação da ferramenta de IA de não ser capaz de criar um enunciado autêntico, cujo tema seja singular, evitando a mesmice (Possenti, 2009), e cujas escolhas estilístico-composicionais denotem a expressividade do sujeito no gênero do discurso (Bakhtin, 2016).

Essas impressões provisórias dos dados obtidos na pesquisa nos permitem afirmar que o texto produzido com auxílio do ChatGPT tem significação, porque reproduz literal ou parafrasticamente o conteúdo semântico dos PDV's das fontes

enunciativas fornecidas nos *prompts*, mas não agencia a atualização temática do enunciado, dos sentidos, nem a veiculação de um novo posicionamento ideológico (valorativo/axiológico), que responda ativamente a outro(s) interlocutor(es), ou que critique, acrescente, ou até polemize aqueles PDV's. A atitude responsiva ativa em relação aos PDV's de outrem e, portanto, a construção de um PDV próprio (Rabatel, 2010) só é possível se a inteligência humana, ser do mundo que opera tal ferramenta de IA, agir sobre o texto/enunciado, expressando-se nele como um autor criador.

5 Considerações finais

Como resultados da presente pesquisa, verificamos que houve expressiva diferença da primeira versão para as demais no tocante ao modo de transmitir as palavras dos autores fornecidos como base para a elaboração da seção teórica do artigo científico. A incorporação não apenas de marcadores do mediativo (“segundo”, “como”, “conforme”) como também de diferentes tipos de representação da fala, o DD e o DI (em “destaca que”, “afirma que”, “redefine” etc.), além de um repertório mais variado de formas de introdução da palavra alheia (verbos, locuções verbais, grupos preposicionais), acrescidos do uso de elementos expressivos de certo posicionamento valorativo (“é crucial”, “quadro teórico robusto”, “análise detalhada”, etc.), demonstraram que o texto ficou mais adequado nas versões 4 e 6, quando comparado à versão inicial, tendo em vista as instruções do comando. Esse dado evidencia o potencial da ferramenta de IA, em especial o ChatGPT, de auxiliar o ser humano na reprodução, mais ou menos literal, de fragmentos dos textos-fonte, desde que lhe sejam fornecidas as informações necessárias e regras claras.

Nessa perspectiva, vimos que a ferramenta, ao ser instruída, pode utilizar elementos linguísticos que marcam o grau de responsabilidade enunciativa e, assim, pode reproduzir ideias de outros textos sem incorrer no plágio. A partir de diferentes excertos, demonstramos as porções do texto em que ficou evidente a imputação de PDV's aos respectivos autores fornecidos no fichamento de transcrição.

Demonstramos, também, que o ChatGPT é capaz de obedecer ao comando de expressar “posicionamento crítico” em relação aos PDV’s relatados, embora sempre por meio do tom elogioso. Isso ocorreu nas porções do texto em que foi frequente o uso de modalizadores ou expressões modais.

Assim, a ferramenta é capaz de expressar o apagamento enunciativo, fazendo as vezes de um subenunciador que se distancia dos PDV’s, porque estes são, antes de tudo, alheios; mas também é capaz de expressar o engajamento enunciativo, especialmente por meio do posicionamento de acordo, manifestando a postura de coenunciação, ao transmitir no texto um tom elogioso acerca do conteúdo desses PDV’s. Considerando que a super-enunciação se relaciona com a contribuição pessoal do L1/E1 no PDV, é compreensível sua ausência no texto.

Mas, quando olhamos não somente “o quê” a ferramenta é capaz de auxiliar na produção do texto solicitado e passamos a considerar, sobretudo, o “como”, podemos tirar outras conclusões pertinentes. A principal delas é justamente a inabilidade do ChatGPT de ser criativo por conta própria e, portanto, autêntico no uso dos componentes estilístico-composicionais do enunciado, de modo que as partes do texto pudessem evidenciar, por exemplo, “conexões menos insossas”, para usarmos o termo de Possenti (2009, p. 109).

Sem expressividade criativa, o texto fica “engessado”, na medida em que conteúdos semânticos diversos parecem ser encaixados num mesmo padrão de estruturas sintáticas, de construções fraseológicas, de escolhas lexicais e lexemas avaliativos. Conseqüentemente, sem a existência do que já se tem popularizado como a “humanização do texto” gerado com auxílio da ferramenta de IA, a tendência é que tenhamos “textos-padrão”, decorrentes da mesma “fôrma”, e totalmente “secos” no sentido de não expressar a figura de um autor real, situado sócio-historicamente e alinhado a determinado posicionamento ideológico, que, por sua vez, é característico de um dado campo da atividade humana.

Conscientes de que essas conclusões são provisórias, em razão da condição inicial da nossa pesquisa e da necessidade de outros estudos com os quais possamos dialogar, esperamos que esses dados possam provocar discussões no meio acadêmico-científico, nos seus mais variados setores de atividade, especialmente entre pesquisadores que reservam seu interesse no debate sobre autoria, ética científica, entre muitos outros aspectos.

Referências

ADAM, J-M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica de João Gomes das S. Neto. 2. ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M. O que é linguística textual? Tradução de Suzana Leite Cortez. *In*: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). **Linguística textual**: interfaces e delimitações. Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017, p. 23-57.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas à edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENTES, A.; PALUMBO, R.; AQUINO, Z. Linguística textual, interação e cognição social: procedimentos metodológicos. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 10-29, 2021. DOI <https://doi.org/10.47456/cl.v15i31.35675>

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 28 out, 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12452>.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 002, p. 221-236, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-60.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 8. ed. Lisboa: Nova Vega, 2012.

GONÇALVES, E. C.; COITINHO, J. B. O ChatGPT sonha com ovelhas elétricas? Uma análise bakhtiniana da IA a partir de perguntas sobre educação e tendências pedagógicas. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 4-30, 2023. DOI <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2023.e96973>

GUENTCHÉVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. **Langue Française**, Paris, v. 102, n. 1, p. 8-23, 1994. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1994_num_102_1_5711. DOI <https://doi.org/10.3406/lfr.1994.5711>

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PASSEGGI, L. *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama de pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 262-312.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. v. 1. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Contexto, 2016a.

RABATEL, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Tradução de Weslin de Jesus Santos Castro. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul./dez. 2016b. DOI <https://doi.org/10.17648/eidea-12-1328>

RABATEL, A. Schémas, techniques argumentatives de justification et figures de l'auteur (théoricien et/ou vulgarisateur). **Revue d'anthropologie des connaissances**. vol. 4, p. 505-525, 2010. DOI <https://doi.org/10.3917/rac.011.0505>

SCHNEIDER, S.; SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo nas ciências sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em:

<https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2018/08/schneider-schmitt-1998-o-uso-do-metodo-comparativo-nas-ciencias-sociais.pdf>

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.